

A temática do racismo na campanha presidencial americana de 2008: enfoques do *New York Times*

Maria Inez Mateus Dota

Resumo

O objetivo deste trabalho é apontar os sentidos produzidos pelo jornal *The New York Times*, ao trazer para suas páginas a temática do racismo, na cobertura da campanha presidencial americana de 2008. Nessa direção, busca-se verificar que recursos de formatação das notícias e que aspectos discursivos são utilizados, no intuito de se discutir como se dá a contribuição do jornal para a representação da realidade na referida temática. A análise aponta que as manifestações raciais trazidas pelo periódico compõem um gradiente de posicionamentos, que passa por declarações explícitas de uma posição racista com relação ao candidato Barack Obama, declarações veladas simplesmente, declarações dissimuladas por outras justificativas e declarações contrárias a uma postura racista.

Palavras-chave: jornalismo, linguagem, análise do discurso.

Abstract

The objective of this paper is to point out the meanings produced by *The New York Times*, bringing to its pages the race theme, in the 2008 American presidential campaign coverage. In this direction, it tries to verify which news format strategies and which discursive aspects are employed, aiming at discussing how the newspaper contribution to the reality representation in this specific theme occurs. The analysis indicates that the racial manifestations brought by the newspaper constitute a gradient of positions, ranging from explicit announcements of a racist posture in relation to the candidate Barack Obama, simply veiled statements, statements concealed by other justifications and announcements contrary to a racist posture.

Keywords: journalism, language, discourse analysis.

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é apontar os sentidos produzidos pelo jornal *The New York Times*, ao trazer para suas páginas a temática do racismo, na cobertura da campanha presidencial americana de 2008, tendo como origem a representação de uma nova figura política no cenário internacional – Barack Obama. Nessa direção, busca-se verificar que recursos de formatação das notícias são utilizados, ou seja, que informações são trazidas nos títulos ou lides e que dados são fornecidos no decorrer das matérias, visando, dessa forma, averiguar aquilo que é colocado em destaque ou minimizado.

Com relação aos aspectos discursivos, analisam-se as escolhas lexicais, o implícito, a intertextualidade (como um texto incorpora partes de outros textos) e a interdiscursividade (como um tipo de discurso se articula com outros tipos de

discurso), no intuito de se discutir como se contribui para a construção da realidade na referida temática, sob o ponto de vista de um jornal que com suas versões unificadas – papel e digital – é considerado “o jornal mais completo e influente do mundo” (MOLINA, 2007, p. 155).

Este estudo se fundamenta nos Estudos do Jornalismo, principalmente nos trabalhos de Sousa (2004 e 2006) e Traquina (2004), para os quais as notícias ajudam a construir a realidade; tem como metodologia de trabalho a Análise do Discurso, nos moldes de Charaudeau (2006), Fairclough (1995) e Fowler (1991). Nessa perspectiva, “o papel do analista é o de observar à distância, para tentar compreender e explicar como funciona a máquina de fabricar sentido social, engajando-se em interpretações cuja relatividade deverá aceitar e evidenciar” (CHARAUDEAU, 2006, p. 29).

No sentido de contextualizar as eleições presidenciais americanas, aponta-se que, embora os Estados Unidos tenham muitos partidos, a alternância de governos tem se dado entre dois partidos apenas – o Partido Democrata e o Partido Republicano. No dia da eleição presidencial, os eleitores votam no candidato a presidente de sua preferência e o vencedor em cada estado obterá todos os delegados a que o estado tem direito. Os delegados votam em seu partido no Colégio Eleitoral. Baseando-se na representação por população, cada estado tem um número de votos e sagra-se vencedor o candidato à presidência que tiver maior número de votos no Colégio Eleitoral (WIKIPEDIA, 2010).

As notícias analisadas são fruto de uma coleta estratificada, conforme sugere Sousa (2004, p. 52) - a segunda-feira da primeira semana, a terça-feira da segunda semana e assim sucessivamente -, realizada durante os 90 dias que antecederam à eleição presidencial americana ocorrida em 4 de novembro de 2008. Obtiveram-se 98 matérias nessa coleta sobre a campanha eleitoral em geral, sendo que 11 delas abordaram a temática do racismo. Procede-se, a seguir, à análise propriamente dita, inserindo-se trechos das notícias coletadas a título de exemplificação.

2 A temática do racismo

A questão do racismo apontada pelo *New York Times*, com referência ao candidato democrata Barack Obama no contexto da campanha presidencial, ora é mostrada abertamente, de forma explicitada, ora é mostrada como um racismo

enrustido, velado e até classificado como vexatório por alguns cidadãos ouvidos pelo jornal. Das onze notícias que tratam do assunto no *corpus* coletado, três trazem as palavras *race*, *racial* ou *black* (“raça”, “racial” ou “preto”) no título da matéria, enfatizando, nesses casos, a presença da questão racial na disputa política:

In voting Booth, Race May Play a Bigger Role (Na cabine de votação, raça pode ter um papel maior – 15 de outubro)

In Generation Seen as Colorblind, Black is Yet a Factor (Em geração vista como daltônica, o preto ainda é um fator – 15 de outubro)

For Some, Uncertainty Starts at Racial Identity (Para alguns, a incerteza começa na identidade racial – 15 de outubro).

Outras matérias evitam ser explícitas sobre a questão racial em seus títulos e, nesse sentido, utilizam expressões cifradas ou impactantes para atrair leitores, tais como as escolhas lexicais *complex issue* (“assunto complexo”) ou *hot topic* (“tópico quente”), conforme abaixo:

Volunteers for Obama Face a Complex Issue (Voluntários de Obama enfrentam um assunto complexo – 15 de outubro)

Hot Topic Is Secondary in Part of Colorado (Tópico quente é secundário em parte do Colorado - 15 de outubro)

A temática do racismo na corrida eleitoral é inicialmente introduzida pelo *New York Times*, no *corpus* analisado, para sinalizar que essa questão está dificultando o trabalho de cabos-eleitorais de Obama que fazem campanha de porta em porta, ou seja, em determinadas localidades, a questão da *raça* – palavra utilizada pelo jornal - apresenta-se como um entrave de campanha para o democrata:

Yet union canvassers are also confronting an unprecedented factor in this election – Mr. Obama’s race – making the effects of their door-to-door appeals less predictable. (Trecho da notícia intitulada Union Leaders Confronted by Resistance to Obama, 29 de setembro.)

Assim, de um lado, fazendo uso da intertextualidade, o jornal cita fontes que rejeitam Barack Obama por causa da sua cor, inclusive com relatos de insultos, o que aponta um racismo latente, existente entre cidadãos americanos, apontado em matéria produzida a partir do estado de Wisconsin:

“I think race is playing a major part,” Mr. Slade said. “I think that’s why some people say, ‘Isn’t he a Muslim?’”

Other union leaders said that some members had acknowledged opposing Mr. Obama because he is black, and that canvassers had heard racial slurs against him. (Union Leaders Confronted by Resistance to Obama, 29 de outubro.)

O jornal dá visibilidade para essa resistência com relação à raça de Obama como oriunda também das fomentações de seu opositor na campanha – John McCain –, e essa informação é trazida em lide de uma das notícias, ou seja, em posição de destaque na cobertura do periódico feita no estado de Alabama. Tal estratégia discursiva coloca McCain em posição desconfortável perante os leitores/eleitores que não compartilham de preconceitos raciais. A rotulação de Obama como “o outro” (*other*), destacada por aspas abaixo, traz, implicitamente, uma alusão ao estrangeiro e ao mulato:

The McCain campaign’s depiction of Barack Obama as a mysterious “other” with an impenetrable background may not be resonating in the national polls, but it has found a receptive audience with many white Southern voters. (For Some, Uncertainty Starts at Racial Identity, 15 de outubro.)

Também no decorrer de outra matéria, a tolerância de McCain com referência a manifestações raciais em seus comícios – “insultos e ameaças” (*insults and threats*) - é apontada pelo jornal, não deixando de fora, em sua cobertura, essa prática de discriminação racial nos Estados Unidos e, especificamente, no tocante a Obama dentro da disputa eleitoral de 2008:

Mr. Obama and Mr. McCain almost never talk directly about it. In some cases, like the condemnation of the Republican ticket issued last weekend by Representative John Lewis, the Georgia Democrat who is a civil rights leader, the topic has come up openly: Mr. Lewis invoked George Wallace, the noted segregationist, in rebuking Mr. McCain as tolerating political rallies marked by crowds yelling insults and threats at Mr. Obama. (In Voting Booth, Race May Play a Bigger Role, 15 de outubro.)

Inclusive, um dos cabos eleitorais de McCain, Joe Encanador, que o acompanha pelos comícios, implicitamente indica para a multidão em um desses encontros que Obama não é americano, numa provável alusão à sua origem étnica e na tentativa de jogar com o discurso patriótico a favor do candidato republicano, pedindo que se vote num “verdadeiro americano” (*a real American*):

When he appeared at a later event, Wurzelbacher told the crowd: “Vote for a real American – John McCain.” (McCain: Obama’s Economic Policies Swing Far Left, 31 de outubro).

Entre as fontes trazidas intertextualmente pelo *New York Times* há aquelas que são bastante arraigadas à questão racial, isto é, expõem abertamente suas posições racistas quando interpeladas sobre por que apoiam McCain: “Porque não é negro” (“*Because he’s not black*”), conforme mostra exemplo relativo a uma fonte vinda do estado de Nevada:

For instance, John Medina, a 70-year-old Navy retiree living east of here, has a McCain-Palin sign in his yard and when asked why he favored the Republican nominee, he replied, “Because he’s not black.” (McCain Is Faltering Among Hispanic Voters, 23 de outubro).

A fonte citada a seguir encontra sua argumentação na Bíblia, para não aceitar um candidato que, segundo ela, é oriundo do cruzamento de raças (Obama) e, assim, justificar o preconceito contra um candidato negro. O jornal traz, dessa forma, um argumento religioso para retratar uma das manifestações de racismo dentre a população – a justificativa de que a Bíblia proibiria a mistura de raças; a figura do “outro” – implicitamente, o estrangeiro, o mulato ou o muçulmano – volta à tona nessa voz trazida intertextualmente ao texto do *New York Times*:

“He’s neither-nor,” said Ricky Thompson, a pipe fitter who works at a factory north of Mobile, while standing in the parking lot of a Wal-Mart store just north of here. “He’s other. It’s in the Bible. Come as one. Don’t create other breeds.” (For Some, Uncertainty Starts at Racial Identity, 15 de outubro).

Para combater essa resistência ao candidato democrata em função de sua cor e para desviar a atenção dos eleitores desse tópico, o jornal relata que as lideranças de seu partido orientam seus cabos eleitorais a enfocar problemas que atraem os cidadãos naquele momento, como questões econômicas (cortes de impostos para a classe média) e de seguridade social:

To increase Mr. Obama’s chances of winning, labor’s field marshals have sought to make sure that canvassers, when distributing fliers and visiting union members, focus on economic issues, like Mr. Obama’s calls for cutting taxes on the middle class and repealing tax breaks for companies that invest overseas. The canvassers also emphasize protecting Social Security, problems

with trade agreements and the need for change. (For Some, Uncertainty Starts at Racial Identity, 15 de outubro.)

Por outro lado, o jornal aponta a questão racial com referência a Obama como não-declarada abertamente, camuflada por discussões culturais ou religiosas. Assim, algumas matérias referem-se a cidadãos americanos que não demonstram racismo explicitamente ou até mesmo louvam o fato de que esse problema esteja encoberto, conforme apontam os grifos abaixo:

But more often, it is found only in sentiments that are whispered, internalized or masked by discussions of culture or religion, and therefore hard to capture fully in polling or even to hear clearly in everyday conversation. (In Voting Booth, Race May Play a Bigger Role, 15 de outubro.)

“At least it’s gone covert and underground,” said Pat Landreth, an artist and co-owner of Bungled Jungle, a gallery in downtown Salida. “So some good is happening.” (Hot Topic Is Secondary in a Part of Colorado, 15 de outubro.)

Mesmo entre os mais jovens, ao contrário do que comentaristas e políticos vislumbram, o *New York Times* detecta a presença do racismo, no desenrolar da campanha presidencial de 2008, o que é apontado, intertextualmente, pelas vozes dos próprios jovens que confirmam a presença do fator racial:

Throughout this campaign season, many commentators and politicians have proclaimed today’s youth to be a colorblind generation in which racial prejudice has receded and diversity is embraced.

But in two days of interviews here and north of the Ohio River in Cincinnati, most young people acknowledged – or even insisted – that race was still a powerful if subtle factor among their peers. (In Generation Seen as Colorblind, Black Is yet a Factor, 15 de outubro.)

Contudo, segundo aponta o *New York Times*, há aqueles que não veem a questão racial como um problema para a eleição de Obama e, quando contatados pelo periódico, manifestam explicitamente sua posição contra a separação racial, como exemplifica a fonte abaixo que avalia Obama como um competente futuro governante, para todos os grupos étnicos presentes nos Estados Unidos:

“I think Obama will do good if he is given a chance,” Ms. Brickler told two canvassers from Unite Here, a union of hotel, restaurant and apparel workers. “I hear people say he’s all for the black people, but I think he will do what’s right for the Chinese, the whites, the Hispanics, for everyone.” (Union Leaders Confronted by Resistance to Obama, 29 de setembro.)

O jornal assinala também que a questão racial desempenha um papel menor na decisão dos eleitores nos dias atuais do que há vinte anos, por exemplo. Intertextualmente, pela voz de um representante democrata afro-americano, o periódico assinala que os Estados Unidos mudaram a esse respeito, constatando, dessa maneira, um avanço na democracia americana:

*“There is a group of voters who will not vote for people who are opposite their race,” Mr. Davis said. “But I think that number is lower today than it has been at any point in our history. I don’t believe this campaign will be decided by race; there are too many other important issues. Jesse Jackson would not have been elected in 1988. But we’ve changed.” (In *Voting Booth, Race May Play a Bigger Role*, 15 de outubro.)*

Em direção contrária à avaliação acima mencionada, em notícia produzida a partir do estado de Nevada, o *New York Times* aponta, também, como os próprios cabos-eleitorais evitam mostrar Obama como negro, ou comprometido exclusivamente com a causa dos afro-americanos, num recurso de convencimento dos eleitores para votarem no candidato democrata:

“I’m canvassing for Obama. If this issue comes up, even if obliquely, I emphasize that Obama is from a multiracial background and that his father was an African intellectual, not an American from the inner city. I explain that Obama has never aligned himself solely with African-American interests – not on any issue – but rather has always sought to find a middle ground.” (Volunteers for Obama Face a Complex Issue, 15 de outubro.)

Observa-se que o trecho imediatamente acima, cuja fonte é um cabo eleitoral de Obama, constitui um discurso eivado de preconceitos, indo na direção de que “todas as representações envolvem determinados pontos de vista, valores e objetivos” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 47). Dessa forma, pela interdiscursividade, o *New York Times* insere, mais uma vez, o discurso dos preconceitos (um discurso do cotidiano) no texto jornalístico. Primeiramente, fica implícito na fala do cabo eleitoral que se fosse totalmente negro, Obama não deveria ser escolhido pelos brancos, mas como tem um histórico multirracial atende a eleitores brancos e negros. Em segundo lugar, há a presença de preconceito com relação à formação escolar: se Obama fosse filho de um americano comum do interior, com pouco estudo, também não serviria para ser presidente, mas como seu pai era um intelectual, o fato de ele ser negro não deve interferir na escolha dos eleitores. E, por último, pelo implícito, sugere-se que,

sendo negro, é aprovado por não defender exclusivamente as causas dos afro-americanos.

Outra questão levantada entre os entrevistados pelo jornal, no Colorado, aponta para a relação comumente estabelecida entre pessoas negras e a desordem ou a criminalidade, o que poderia levar eleitores a não votarem em Obama, principalmente aqueles que convivem com negros em suas vizinhanças:

Peggy MacKay, a 63-year-old supporter of Mr. Obama and resident of Buena Vista, tried recently to imagine an alternative universe. What if she lived instead in an urban neighborhood where race, poverty and crime were the backdrop of life? Would she still vote for a black man? (Hot Topic Is Secondary in a Part of Colorado, 15 de outubro).

Por esse recurso à intertextualidade, o periódico indica que no imaginário de pessoas tais como a fonte acima citada, bairros com moradores negros estão relacionados com pobreza e criminalidade e esse ponto, que aflora no discurso dessa cidadã americana, certamente influencia o voto daqueles que moram nessas vizinhanças e têm que escolher entre um candidato negro e um branco.

Assim, em localidades onde há uma baixa interação entre brancos e negros (e consequentemente onde os problemas sociais não estão vinculados à questão racial) é mais provável, segundo fontes ouvidas pelo *New York Times*, que pessoas brancas votem em Obama, pois estas não experimentaram os problemas decorrentes dessa relação:

Hugh Neas, a retired engineering worker who described himself as a Republican (he supported President Bush in 2000 and Senator John Kerry in 2004, and he plans to vote for Mr. Obama in November), said that voting for a black man was simply easier in a place where social problems were divorced from a discussion of race. He said he had been thinking lately of a police officer friend who took a job in a black neighborhood in Los Angeles years ago and came out a racial bigot. (Hot Topic Is Secondary in a Part of Colorado, 15 de outubro.)

Embora o *New York Times* tenha publicado matérias que apontam posturas racistas entre os eleitores – veladas ou explicitadas –, publica também matéria intitulada *Rebranding the U.S. With Obama* (Reformulando os Estados Unidos com Obama – 23 de outubro), assinada por Nicholas D. Kristof. Nesse texto, o jornalista mostra como cidadãos de várias partes do mundo estão surpresos ou entusiasmados com o desempenho do democrata nas pesquisas, uma vez que ele é um candidato

negro num país com um conhecido histórico de preconceito racial, em que negros são, segundo um dos entrevistados, “porteiros e operários” (*janitors and laborers*). Duas fontes citadas, na referida matéria, exemplificam esses posicionamentos:

*But president? That’s such an important job! In America, I thought blacks were janitors and laborers. Europe is particularly intoxicated by the possibility of restoring amity with America in an Obama presidency. As *The Economist* put it: “Across the Continent, Bush hatred has been replaced by Obama-mania.”*

No final da matéria, o jornalista, com a possível eleição de Obama naquele momento, enfatiza a oportunidade de os Estados Unidos fazerem suas escolhas baseadas no conteúdo e substância das pessoas e não na cor de sua pele – uma inserção do *New York Times* pelo fim do racismo naquele país, embora assinalada num contexto que ainda clama pela hegemonia dos Estados Unidos em âmbito internacional:

Yet if this election goes as the polls suggest, we may find a path to restore America’s global influence – and thus to achieve some of our international objectives – in part because the world is concluding that Americans can, after all, see beyond a person’s epidermis. (Rebranding the U.S. With Obama, 23 de outubro.)

Observa-se, finalmente, notícia em que o *New York Times* traz para suas páginas o apoio que a revista britânica *The Economist* dá ao candidato democrata e, com essa intertextualidade estabelecida, também clama pelo fim do racismo nos Estados Unidos:

Noting that Obama would be the first black U.S. president if he defeats Republican candidate John McCain in next Tuesday’s vote, the Economist said: “He would salve, if not close, the ugly racial wound left by America’s history and lessen the tendency of American blacks to blame all their problems on racism.” (Economist Magazine Endorses Obama For Presidency, 31 de outubro.)

3 Considerações finais

A análise efetuada aponta que o *New York Times* procurou averiguar de forma minuciosa como a questão racial se fez presente na campanha presidencial americana

de 2008 e como se mostrou um obstáculo para a eleição de Barack Obama em função de sua cor.

Assim, o jornal aponta as diversas formas sob as quais captou e representou a temática racial, construindo uma realidade de disputa eleitoral em que essa questão da raça não ficou de fora e, certamente, segundo depoimentos das fontes entrevistadas (um recurso recorrente à intertextualidade), teve sua interferência na escolha dos eleitores, considerando-se os dois principais candidatos – Barack Obama e John McCain.

As manifestações raciais trazidas pelo periódico compõem um gradiente de posicionamentos que passa por declarações explícitas de uma posição racista com relação ao candidato democrata, declarações veladas simplesmente, declarações dissimuladas por outras justificativas e declarações contrárias a uma postura racista. Observa-se que as notícias referentes à temática racista foram produzidas nas várias regiões dos Estados Unidos, como no estado de Wisconsin ao norte e Alabama ao sul, Nevada a oeste e Geórgia ao leste, indicando que o *New York Times* buscou ouvir fontes espalhadas por todo o país.

A ênfase praticada pelo periódico ocorre pela evocação explícita da temática do racismo em alguns títulos e lides de notícias ou pelo emprego de títulos de impacto que aguçam a curiosidade do leitor para descobrir quais sentidos o jornal quer imprimir com determinada chamada, sem mencionar a questão racial abertamente. Também no lide de uma das notícias, o jornal assinala a fomentação de McCain com respeito ao racismo contra seu oponente democrata, o que desqualifica o republicano frente aos eleitores americanos não-comprometidos com posturas racistas.

Objetivando mostrar o arrefecimento da questão racial nos Estados Unidos, o *New York Times* assinala o entusiasmo da Europa pela candidatura de Obama e introduz a voz de uma outra mídia de renome – a revista inglesa *The Economist* –, com seu endosso à candidatura democrata e o seu apelo para que com a possível eleição de Obama seja curada ou diminuída a ferida do racismo dentre os americanos, posicionamento também advogado pelo próprio jornal.

Referências

- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
 FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995.

FOWLER, R. **Language in the news: discourse and ideology in the press.** New York: Routledge, 1991.

MOLINA, M. M. **Os melhores jornais do mundo: uma visão da imprensa internacional.** São Paulo: Globo, 2007.

SOUSA, J. P. **Introdução ao discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUSA, J. P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media.** Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: porque as notícias são como são.** Florianópolis: Editora Insular, 2004.

WIKIPEDIA. How does American election system work? Disponível em: <http://wiki.answers.com/Q/How_does_American_election_system_work>. Acesso em: 25 maio 2010.

Maria Inez Mateus Dota (midota@uol.com.br) - Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista, Araraquara, SP e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista em Bauru, SP.